

Situações de jogo / brincadeira: Promoção de interações desenvolvimentalmente estimulantes entre pais e crianças em idade de creche

Manuela Carvalho*, **Francisco Vaz da Silva **** e **Clarisse Nunes ****

* Centro Centro Social e Paroquial da Brandoa,

** Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

* manuelacarvalho7@gmail.com

** fsilva@eselx.ipl.pt

*** clarisse@eselx.ipl.pt

Resumo

O presente trabalho inscreve-se num projeto de intervenção mais vasto (Carvalho, 2013) motivado por constrangimentos à participação de pais no projeto educativo das suas crianças numa creche do concelho de Lisboa. Estes constrangimentos eram sentidos pelos profissionais e pelos pais. A estratégia de intervenção escolhida foi o envolvimento dos pais em momentos de brincadeira com os seus filhos nos contextos familiar e de creche. Esta estratégia permitiria ultrapassar os constrangimentos sentidos, na medida em que era pretexto para que pais participassem em atividades na creche e oferecia motivo e assunto para trocas e cooperação entre pais e profissionais. Porque as brincadeiras constituem uma das atividades principais de crianças pequenas, são oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento potencialmente enriquecidos pela participação de um adulto ou outro mais experiente. A estratégia de promoção de momentos de brincadeira servia também objetivos de aperfeiçoamento das estratégias de interação dos adultos, bem como de aumento do envolvimento das crianças nestas atividades. A implementação do projeto obteve, desde o início, a adesão dos pais, quer no seu envolvimento em momentos de brincadeira com os seus filhos, quer nos procedimentos de recolha de dados (filmagens e preenchimento do caderno de comunicação). O processo criou uma dinâmica muito rica de trocas frequentes e de cooperação entre as famílias e os profissionais da creche. Os resultados da monitorização do projeto de intervenção mostram uma evolução no sentido de crescente adequação desenvolvimental das estratégias de interação dos pais nas brincadeiras com os seus filhos nas três dimensões avaliadas: sensibilidade, estimulação e autonomia. Verificou-se igualmente um

crescendo na qualidade do envolvimento das crianças nestes momentos de brincadeira ao longo do projeto, quer no contexto de creche, quer no contexto familiar. A análise da relação entre o empenhamento dos pais e o envolvimento da criança mostrou uma associação positiva e significativa, indicando que os pais que usam estratégias de interação desenvolvimentalmente mais adequadas têm filhos que se envolvem em níveis relativamente mais elevados nas brincadeiras com os seus pais.

Palavras-chave: Participação dos pais, Brincadeira, Creche, Envolvimento

INTRODUÇÃO

Sabemos que o envolvimento das famílias nas atividades de creche feita de uma maneira informal e participada constitui uma mais-valia na promoção da autoestima da criança e da família, intensificando sentimentos de estabilidade e de continuidade entre a casa e a creche (Shonkoff & Phillips, 2000). Os contactos informais podem constituir uma das formas de se conversar com os pais, e contribuir para o estabelecimento de relações positivas entre os profissionais e os pais (Ministério da Educação, 1997). Nos vários relatórios da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) sublinha-se a importância de as interações precoces das crianças com a família e com os adultos que cuidam da criança, por influenciarem significativamente o seu desenvolvimento. Como nos diz *The Child Care Transition*, “as relações afetuosas, estáveis, seguras, estimulantes e gratificantes com a família e com as pessoas que cuidam das crianças nos primeiros anos de vida são cruciais para quase todos os aspetos da vida da criança” (IRC, Report Card 8, 2009; citado por Matos et al., 2010).

O projeto de intervenção que se levou a cabo foi motivado por constrangimentos no acesso dos pais às instalações e à participação no processo educativo dos seus filhos no contexto de uma creche. Estes constrangimentos foram sentidos pela educadora responsável (uma das autoras do presente trabalho), por outros elementos da instituição, bem como pelos próprios pais. O objetivo central deste projeto foi, assim, promover o envolvimento dos pais (cooperativamente com os profissionais) em atividades com as crianças em idade de creche em contextos de educação formal e informal.

As atividades de jogo e de brincadeira foram escolhidas como forma de operacionalizar a proposta do projeto de intervenção pela centralidade que esta atividade tem no desenvolvimento das crianças e pelo papel que é reconhecido ao adulto na sua promoção. Pareceu-nos também que, pela sua natureza, a brincadeira mereceria mais fácil adesão dos pais.

O brincar é uma das atividades mais comuns e características da infância, constituindo-se como um mediador importante de aprendizagem e potenciador do desenvolvimento global da criança (Kishimoto, 2010). As características das brincadeiras fazem com que seja uma ferramenta de aprendizagem e de comunicação ideal para o desenvolvimento da criança. É uma atividade que estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia da criança, além de favorecer o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração da atenção.

Como nos diz Marques (2010), o jogo é o meio utilizado pela criança para explorar, influenciar e controlar o seu envolvimento físico e social, permitindo a descoberta do mundo. Citando Vasconcelos (2012), “o brincar é fundamental para a criança, pois é indispensável para o seu desenvolvimento afectivo, criativo, cultural e intelectual” (p. 137).

A participação em atividades e a interação com pares, com adultos e com materiais proporciona oportunidades para praticar capacidades já adquiridas, aperfeiçoar comportamentos emergentes e adquirir novas competências. Nesta medida, alguns autores têm sugerido que o envolvimento de nível sofisticado poderá constituir um mediador crítico para a aprendizagem e desenvolvimento (McWilliam & Bailey, 1992; McWilliam, Trivette & Dunst, 1985). O envolvimento é descrito como uma qualidade humana reconhecida pela: i) persistência da pessoa na atividade; ii) motivação e intensidade da experiência; e iii) profundo sentimento de satisfação provocado. Está associado ao desenvolvimento (Laevers, 1993; citado por Bertram & Pascal, 2009). O envolvimento da criança é considerado como condição necessária, se não suficiente, para que ocorra mudança desenvolvimental (MacWilliam, Trivette & Dunst, 1985) e fator mediador da aprendizagem da criança (McWilliam & Bailey, 1992). É definido como a quantidade de tempo que a criança despende a interagir com o ambiente (pares, adultos e materiais), ativa ou atentamente, de forma adequada ao seu nível de desenvolvimento e ao contexto, em diferentes níveis de competência (de Kruif, McWilliam & Ridley, 2001).

Porque as crianças aprendem pela interação e imitação, brincar com parceiros (adultos ou crianças) mais experientes potencia o impacto desenvolvimental destas experiências. A participação do adulto na brincadeira com a criança pode contribuir para o seu envolvimento mais ativo e de nível mais elevado, conduzindo à aquisição de novas competências. A participação dos adultos, ou de outros mais experientes, nas situações de brincadeira, pode contribuir para modelar e agilizar estas aquisições (Bruner, 1997; Vigotsky, 1998). Brincar com alguém que promova o envolvimento da criança em interações desenvolvimentalmente estimulantes, além de reforçar os laços afetivos, contribui para elevar o interesse e o nível de envolvimento da criança na atividade e promover o seu desenvolvimento (Rolim, Guerra & Tassigny, 2008). Os momentos de brincadeira com os pais, e com os profissionais na creche, podem constituir-se como boas oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento (Gaspar, 2010).

O potencial desenvolvimental das experiências de envolvimento em brincadeiras está relacionado com a adequação entre os desafios que a atividade coloca e as capacidades da criança: se as atividades apresentam um nível de dificuldade demasiado fácil ou demasiadamente exigente, em relação às capacidades da criança, o envolvimento não ocorre (Laevers, 1994, 2005). A qualidade dos contextos de desenvolvimento, em que se inscrevem os processos de interação entre adultos e crianças (Bairrão, 1998; Portugal, 1998, 2011), depende não só da adequação desenvolvimental, como também dos estilos de interação dos adultos, aspetos que se incluem no que tem sido descrito como práticas desenvolvimentalmente adequadas (NAEYC, 1997, 2009).

As recomendações da NAEYC (2009) claramente apontam para a valorização de comportamentos dos adultos caracterizados pela sensibilidade e responsividade como correspondendo a práticas mais adequadas. Estas recomendações tiveram por fundamento

investigação que refere a sensibilidade e a responsividade como as características centrais de comportamentos interativos do adulto que mais contribuem para um ótimo desenvolvimento das crianças: crianças com educadores menos diretivos e menos ríspidos, experimentam interações mais positivas e são considerados mais sociáveis, mostram níveis superiores de desenvolvimento da linguagem e são mais competentes em atividades cognitivas (de Kruif, McWilliam, & Ridley, 2001).

Inicialmente motivado por constrangimentos no acesso e participação dos pais nas atividades na creche, o projeto de envolvimento de pais em atividades de brincadeira com os seus filhos em contextos de educação formal (creche) e informal (familiar) visava ultrapassar aqueles constrangimentos e também criar oportunidades de trabalhar os estilos de interação dos pais e favorecer o desenvolvimento das crianças através do seu maior envolvimento em atividades de brincadeira.

ESTUDO EMPÍRICO

Objetivos

Partindo do objetivo geral, acima referido, formulámos os seguintes objetivos específicos:

- Criar condições favoráveis a um maior envolvimento dos pais no processo educativos dos seus filhos e a uma maior participação nas atividades em contexto de creche,
- Aumentar o envolvimento das crianças em brincadeiras com os seus pais em contexto de creche e em contexto familiar,
- Aumentar o empenhamento dos pais em brincadeiras com os seus filhos em contexto de creche e em contexto familiar.

Participantes

Participaram neste projeto de intervenção 13 crianças que frequentavam a sala de creche e respetivas famílias. Na tabela I procurámos sintetizar alguns dos dados demográficos dos participantes.

Tabela I: Participantes no estudo

Crianças	Género	Idade (meses)	Idade (Anos)		Escolaridade	
			Pai	Mãe	Pai	Mãe
1	M	15	35	31	12°	Lic
2	M	17	37	32	9°	Lic
3	F	19	41	31	6°	12°
4	M	19	47	37	Lic.	12°
5	F	21	40	39	12°	12°
6	M	22	32	32	12°	12°
7	F	22	35	32	9°	11°
8	M	23	35	37	12°	Lic
9	M	24	38	37	12°	Lic
10	M	24	20	23	12°	12°
11	F	25	50	41	8°	8°
12	M	26	46	44	9°	9°
13	M	27	38	36	12°	11°

As crianças da sala de creche não se encontravam condições de risco, tinham entre 15 e 27 meses de idade (M= 21,8 meses), nove eram rapazes e quatro eram raparigas.

Os pais tinham idades entre os 20 e os 50 anos (M= 38 anos) e as mães entre 23 e os 44 anos (M= 34,76 anos). Os níveis de escolaridade variam entre o ensino básico (27% dos pais), frequência do ensino secundário (54% dos pais) e, em número relativamente mais pequeno, constituído sobretudo por mães, formação superior (19%).

Projeto de Intervenção

Nesta secção iremos, de forma sumária, descrever a forma como o projeto de intervenção se desenrolou.

Numa primeira fase, o projeto foi apresentado aos pais (reunião no início do ano), a que se seguiram sessões de apresentação de atividades desenvolvidas na creche com as crianças. Do mesmo passo, usou-se um pequeno questionário para conhecer os recursos que os pais dispunham em casa. Para o projecto, era importante assegurar que os pais dispusessem de instrumentos para registar em filme episódios de brincadeira com os seus filhos. Os telemóveis com função de vídeo responderam a esta exigência. Esta fase foi também usada para motivar os pais e distribuir cadernos de comunicação usados no projeto.

A partir de dezembro de 2011, numa segunda fase, os pais passaram a registar em vídeo e/ou no caderno disponibilizado momentos de brincadeira em contexto familiar. Também foram convidados a entrar e a permanecer no espaço da creche para brincar com a criança (as crianças) e participar em atividades. Os pais puderam usar materiais da creche ou materiais trazidos de casa se assim o entendessem. Assim, sessões de brincadeira dos pais com os seus filhos em contexto de creche puderam ser filmadas.

Registos de momentos de brincadeiras foram registados, quer em contexto familiar, quer de creche, para efeitos deste projeto, entre dezembro de 2011 e abril de 2012.

Medidas e procedimentos de recolha de dados

Registos Escritos

Para a monitorização do projeto de intervenção, foram usadas várias formas de registos escritos:

- Mapa de rotinas: para conhecer as rotinas familiares com indicação dos momentos disponíveis para brincadeiras entre pais e filhos em contexto familiar, foi solicitado aos pais o preenchimento de um mapa de rotinas.

- Caderno de registos: foi usado para anotar os episódios de brincadeira (identificação da brincadeira), os participantes, e uma apreciação do grau de satisfação da criança. Estes cadernos de registo foram distribuídos às famílias e preenchidos por elas e permitiram conhecer a frequência da ocorrência de episódios de brincadeira em contexto familiar, bem como recolher dados sobre esses episódios. A realização dos registos passou por uma fase de adaptação, em que o contacto com a educadora da sala, a quem os pais mostravam regularmente os registos efetuados, foi usada para os esclarecer progressivamente o tipo de informação que se pretendia obter.

- Notas de campo: realizadas pela educadora da sala, uma das autoras, foram usadas para registar ocorrências que pareciam relevantes: relatos trazidos pelos pais, conversas com os pais, ocorrências não captadas pela câmara de filmar, reflexões pessoais. Material destas notas de campo foi usado complementarmente e para ilustrar dados recolhidos por outros meios.

Observação.

As observações de situações de brincadeira realizadas em contexto de creche e em contexto familiar foram registadas em vídeo. Na creche pela educadora, em contexto familiar, pelos próprios pais. Estes registos decorreram entre dezembro de 2011 e abril de 2012. No âmbito do projeto de intervenção, para cada família envolvida, foram realizadas duas filmagens em contexto de creche e duas em contexto familiar em cada mês, um total de 20 episódios de brincadeira filmados por cada família. Apesar de os filmes terem uma duração de tempo superior, para a análise realizada foram usados apenas dois minutos de cada filme (episódio de brincadeira) correspondendo a um total de 520 minutos de filmagem.

Medidas de análise dos dados de observação

Para estudar o comportamento das crianças durante as sessões de brincadeira com os seus pais, recorremos a uma medida do envolvimento. Usámos a escala proposta por Laevers (1993, 1994), seguindo os procedimentos recomendados no Manual “Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias” (Bertram & Pascal, 2009). Esta escala avalia o envolvimento da criança quando está a aprender, usando um sistema de cotação de tipo Likert, de 1 (valor mais baixo que indica menos envolvimento – sem atividade) a 5 (valor mais elevado que indica mais envolvimento – atividade intensa prolongada), segundo nove indicadores de envolvimento: concentração, energia, complexidade e criatividade, expressão facial e postura, persistência, precisão, tempo de reação, linguagem e satisfação.

Para estudar o comportamento do adulto, recorremos a uma medida de empenhamento. Usámos a escala proposta por Bertam e Pascal (2009) que avalia o tipo de interações que o adulto estabelece, cotados com uma escala de tipo Likert de 1 (atitudes de total falta de empenhamento) a 5 (atitudes de total empenhamento em função de três indicadores: sensibilidade, estimulação e autonomia).

O treino na utilização destas escalas decorreu durante o mês de novembro de 2011, usando material filmado na sala de jardim-de-infância da mesma instituição. Participaram neste treino uma das autoras e uma profissional de educação estranha ao projeto.

Para a fidelização das cotações das observações (filmagens) de episódios de brincadeira entre as crianças da creche e os seus pais realizaram-se acordos inter-observadores de todo o material. Um dos investigadores e um outro profissional de educação visionaram e realizaram a cotação de forma independente, conseguindo níveis de concordância superiores a 90%. Divergências na cotação foram reanalisadas até se obter uma concordância de 100%

Tratamento de dados

Os dados dos registos escritos (mapas de rotinas, cadernos de registo e notas de campo) foram analisados de forma qualitativa, mas não objeto de tratamento formal e sistemático. Este material serviu para, durante a implementação do projeto, monitorizar o processo e como pretexto e objeto de conversas entre os pais e os profissionais. Aqui este material foi usado para ilustrar alguns aspetos que se consideraram mais relevantes.

Os resultados das observações do envolvimento das crianças e do empenhamento dos adultos foram objeto de análise quantitativa. Os resultados das cotações foram tratados em função de períodos de 1 mês e do contexto de observação (creche ou ambiente familiar) e são apresentados como médias e desvio padrão (estatística descritiva) para se dar conta da evolução registada ao longo do projeto de intervenção. Para investigar a relação entre o envolvimento das crianças e o empenhamento dos pais, usámos o teste de correlação de Spearman aplicado à totalidade dos dados.

O estudo seguiu os princípios éticos exigidos para investigações desta natureza.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da observação do envolvimento das crianças em contexto de creche e no contexto familiar são apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Envolvimento das crianças em contexto de creche e familiar

Mês	Envolvimento Creche		Envolvimento Família	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Dezembro	3,19	,43	3,50	,50
Janeiro	3,42	,61	3,88	,71
Fevereiro	3,53	,52	4,23	,33
Março	3,80	,33	4,23	,56
Abril	3,92	,64	4,38	,68

Como se pode verificar, houve um progressivo aumento dos valores do envolvimento das crianças em situações de brincadeira com os seus pais ao longo dos cinco meses de duração do projeto nos dois contextos estudados. Estes resultados indicam uma crescente sofisticação do envolvimento e do tempo que a criança despense ativamente envolvida na atividade. São resultados esperados e que poderão ser explicados, quer pelo provável aumento da frequência de situações de brincadeira envolvendo um dos pais e a criança, quer pelo interesse dos pais estimulado pelo envolvimento no projeto (nomeadamente as conversas com a educadora da sala de creche), quer ainda pelo natural desenvolvimento, em relação ao envolvimento das crianças e aos estilos de interação dos adultos, que ocorreu ao longo do tempo.

A descrição dos comportamentos das crianças, com base nas filmagens realizadas, ilustra a progressão verificada no seu envolvimento em situações de brincadeira. Seleccionámos, para este efeito, episódios de brincadeira ocorridos no contexto familiar.

- Observação realizada no início do projeto: “A criança está em pé, no hall de entrada. Tem na mão um comando de um carro telecomandado. Mexe no comando e o carro anda para um lado. Ouve-se a mãe a dizer para ter “cuidado” porque o carro bateu num jarrão decorativo que está nesse espaço. O carro ficou sobre o tapete e não pode andar. A mãe aproxima-se da criança e recoloca o carro no chão, fica sentada no tapete. A criança põe o pé em cima do carro. “Assim vais estragar o carro” diz a mãe. A criança afasta-se e corre para o quarto dela. A mãe chama a criança para vir brincar com o carro, mas a criança não aparece. A mãe coloca um joelho no chão, como se fosse levantar e volta a chamar. A criança volta. Mãe pergunta pelo comando (criança já não o traz). Criança sai. Mãe volta a chamar ...”hoje já não te apetece brincar com o carro?” (C13 – 27 meses, observação I, 4/12/11).

- Observação de um episódio de brincadeira com a mesma criança perto do final do projeto: “A mãe vai estender a roupa no estendal que está na cozinha e pede ajuda à criança. Esta pega num cesto com molas de várias cores para segurar a roupa, segura uma mola com a mão e olha para a mãe que lhe pergunta: de que cor é essa? A criança responde acertadamente e coloca-as no bordo do cesto (prende-as e as molas vão ficando alinhadas no cesto. A mãe pede-lhe a mola vermelha e ele dá à mãe a mola vermelha que esta pediu. De seguida esta pede uma mola azul, ele mexe no cesto até encontrar a mola azul. A mãe diz “lindo!”. Mãe pede uma mola verde, criança dá uma mola verde à mãe e logo, com a outra mão, tira outra mola verde do cesto e diz “duas”. A criança procura pares para as molas que estão presas na borda do cesto e arranja-as por cores.” (C13 – 31 meses, observação 10, 25/4/11).

Estes exemplos ilustram diferenças no comportamento de envolvimento da criança na brincadeira. Enquanto no primeiro exemplo, o tempo de envolvimento é curto e o envolvimento é pobre em todos os indicadores considerados. No segundo episódio, pelo contrário, a criança tem a sua atenção orientada para a atividade (concentração), mostra-se interessada (energia), usa todas as suas capacidades nas respostas à mãe e nos arranjos que organiza, sugerindo variações no jogo (complexidade e criatividade), mantém-se na atividade (persistência), demonstra cuidado na sua ação (precisão), é rápida na execução (tempo de reação).

O constructo de envolvimento centra-se nos comportamentos interativos da criança e fornece informação acerca de como a criança: i) passa o seu tempo, ii) a qualidade das suas interações, iii) das capacidades de adaptação da criança e iv) da adequação das exigências desse meio às características das crianças (Dunst & McWilliam, 1988; McWilliam & Bailey, 1992, 1995; McWilliam et al., 1985; Raspa, McWilliam & Ridley, 2001). Nesta medida, o envolvimento tem sido considerado como um indicador do desenvolvimento da criança (de Kruif & McWilliam, 1999; McWilliam & Scarborough, 1997; Aguiar, Cruz, Barros, & Bairrão, 2005), mas também como condição de desenvolvimento (McWilliam et al., 1985; de Kruif et al., 2001). Os progressos no envolvimento das crianças observados ao longo do projeto, mostram um aumento do tempo de envolvimento na brincadeira e também um progresso qualitativo desse envolvimento de acordo com as dimensões de análise consideradas. Estes resultados podem ainda ser interpretados como indicativos de progresso desenvolvimental futuro.

Os resultados do empenhamento dos pais durante os episódios de brincadeira são apresentados nas tabelas seguintes: Tabela 3, empenhamento dos pais em contexto familiar; Tabela 4, empenhamento dos pais em contexto de creche.

Tabela 3: Empenhamento dos pais nas situações de brincadeira em contexto familiar

Mês	Sensibilidade		Estimulação		Autonomia	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Dezembro	3,03	,59	3,11	,68	3,15	,55
Janeiro	3,23	,70	3,11	,85	3,00	,65
Fevereiro	3,53	,47	3,38	,71	3,42	,86
Março	3,69	,33	3,50	,76	3,69	,72
Abril	3,57	,49	3,26	,83	3,84	,92

Tabela 4: Empenhamento dos pais nas situações de brincadeira no contexto de creche

Mês	Sensibilidade		Estimulação		Autonomia	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Dezembro	3,73	,39	3,69	,48	3,65	,43
Janeiro	3,76	,53	3,88	,51	3,88	,46
Fevereiro	3,92	,45	3,73	,70	3,84	,66
Março	3,88	,71	3,88	,41	3,92	,64
Abril	4,03	,56	3,96	,48	4,07	,45

Como se pode verificar, encontramos um ligeiro aumento dos valores médios do empenhamento, quer no ambiente familiar, quer no contexto de creche, ao longo do projeto. Este pequeno aumento verifica-se em relação aos três indicadores: sensibilidade, estimulação e autonomia.

Os episódios de brincadeira que acima foram descritos pretendem ilustrar a evolução ocorrida nos comportamentos dos pais nas situações de brincadeira, nomeadamente como, neste exemplo ocorrido perto do final do projeto, a intervenção da mãe segue o interesse da criança e ocorre quando a criança olha para ela (sensibilidade), a interação mantém-se durante o tempo de várias trocas (estimulação: mãe faz perguntas e pedidos, diretivas de tipo segue) e, simultaneamente, é dado espaço e tempo à criança para prosseguir com os seus arranjos (alinhar as molas) e para que tome a liderança do jogo introduzindo os arranjos de pares (“duas”) (autonomia). Estes comportamentos contrastam com os descritos no episódio do início do projeto.

Finalmente, apresentamos os resultados do teste de correlação de Spearman que usámos para estudar a relação entre o envolvimento das crianças e o empenhamento dos pais (Tabela 5).

Tabela 5: Correlação entre o envolvimento das crianças e o empenhamento dos pais em episódios de brincadeira em contexto familiar e de creche

	Sensibilida- -de Família	Estimula- ção Família	Autono- mia Família	Sensibili- dade Creche	Estimula- ção Creche	Autono- mia Creche
Envolve- mento	,843**	,584*	,650*	,767**	,727**	,831**

*p<.05; **p<.001

Os resultados mostram uma correlação positiva e significativa entre o envolvimento das crianças e os três indicadores do empenhamento dos adultos, quer em contexto familiar, quer de creche, indicando que os pais que se mostram mais sensíveis, estimulantes e promotores da autonomia das crianças têm crianças que se envolvem mais tempo e a níveis mais sofisticados nas brincadeiras com os seus pais.

Estes resultados são consentâneos com os obtidos em estudos relacionando o envolvimento das crianças com os estilos de interação de profissionais adultos (de Kruif, McWilliam & Ridley, 2001; McWilliam, Scarborough & Kim, 2003, Pinto, 2006; Vaz da Silva, 2009), bem como estudos relacionando o envolvimento das crianças com os comportamentos interativos maternos (Aguiar, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo retrospectivamente, a escolha de momentos de brincadeira como estratégia adotada neste projeto de intervenção foi um dos mais importantes fatores de sucesso. Em primeiro lugar, por se tratar de uma atividade que é comum aos dois contextos de vida da criança, o contexto familiar e a creche. É uma atividade familiar e que faz parte das rotinas. Em segundo lugar, por ser uma atividade que proporciona prazer e satisfação, oferece oportunidades de interação que contribuem para a atualização e fortalecimento de laços emocionais entre os participantes envolvidos.

Estes dois aspetos terão facilitado a adesão e o envolvimento dos pais no projeto de intervenção, bem como contribuído para a ultrapassagem dos constrangimentos inicialmente sentidos.

Finalmente, a adoção de momentos de brincadeira como estratégia de implementação do projeto vem coincidir com aspetos centrais de práticas desenvolvimentalmente adequadas: a centralidade da criança e as brincadeiras como uma das suas principais atividades, mediadora da aprendizagem e do desenvolvimento (Kishimoto, 2010; Marques, 2010; NAEYC, 2009; Vasconcelos, 2012). Este terá sido também um importante fator de sucesso deste projeto.

A dinâmica de trocas e de cooperação entre pais e profissionais desenvolvida ao longo do projeto de intervenção foi de uma grande riqueza, testemunhada em inúmeras entradas no caderno de registos (preenchido pelos pais) e nas notas de campo (preenchidas pela educadora), sendo indicativa da qualidade do serviço de educação de que todos beneficiaram

(Shonkhoff & Phillips, 2000). Julgamos, por isso, que o projeto de intervenção terá tido, igualmente, um impacto sobre a qualidade do serviço educativo.

As maiores oportunidades de participação conjunta em momentos de brincadeira entre pais e filhos tiveram efeitos sobre o comportamento dos adultos (pais) que se traduziram, designadamente, num maior domínio de comportamentos de interação desenvolvimentalmente adequados (Bertram & Pascal, 2005; NAEYC, 2009). Este é um resultado que se espera vir a ter continuidade após a conclusão do projeto, com potenciais efeitos no desenvolvimento das crianças.

Apesar do tempo de duração do projeto não ser suficiente para que possam ser demonstradas mudanças desenvolvimentais (resultados desenvolvimentais), a medida de envolvimento, focada nos processos (Laevers, 2005), é considerada um bom indicador do desenvolvimento, sendo descrita como condição necessária, se não suficiente, para que ocorram progressos (McWilliam et al., 1985). E constitui-se como uma ferramenta de grande potencial na monitorização das práticas pelos profissionais porque indicador da qualidade dos serviços na perspetiva de “baixo para cima” (Katz, 1998), isto é, na perspetiva das crianças. Como sugere Laevers (2005), as variáveis de processo, como o envolvimento, proporcionam um feedback imediato sobre a qualidade das intervenções dos adultos, bem como sobre o seu potencial impacto no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Referências bibliográficas

- Aguiar, C. (2006). *Comportamentos interactivos maternos e envolvimento da criança*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia do Desenvolvimento e Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Texto não publicado.
- Aguiar, C., Cruz, O., Barros, & Bairrão, J. (2005). Perfis interactivos maternos e envolvimento das crianças em contexto de creche. In J. Bairrão (Coord.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 74-97). Porto: LIVPSIC.
- Bruner, J. (1997). *La educación, puerta de la cultura*. Madrid: Visor.
- Bairrão, J. (1998). “O que é a qualidade em educação pré-escolar?”. Ministério da Educação, *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa. Ministério da Educação.
- Barros, L. (2003). *O envolvimento da criança de 3 anos em grupos heterogêneos. Um estudo em contextos pedagógicos diferenciados*. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança: Tese de Mestrado.
- Bertram, T., & Pascal, C. (coord.) (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.
- Carvalho, M. (2013). *Situações de jogo/brincadeira: Promoção de interações desenvolvimentalmente estimulantes entre adultos (pais e profissionais) e crianças em idade de creche*. Projeto de Intervenção de Mestrado em Intervenção Precoce, Escola Superior de Educação de Lisboa.
- de Kruif, R. E. L., & McWilliam, R. A. (1999). Multivariate relationships among developmental age, global engagement, and observed child engagement. *Early Childhood Research Quarterly*, 14, 515-536.

- de Kruif, R. E. L., McWilliam, R. A., & Ridley, S. M. (2001). *Teachers' interaction behaviors with toddlers and preschoolers*. University of North Carolina at Chapel Hill. Texto não publicado.
- Dunst, C.J., & McWilliam, R.A. (1988). Cognitive assessment of multiply handicapped young children. In T.D. Wachs, & R. Sheehan (Eds.), *Assessment of young developmentally disabled children* (pp. 213-238). New York: Plenum Press.
- Catarsi, E. (2013). A “educação das famílias” na Toscana. *Infância na Europa*: edição especial.
- Folque, M. A. (2012). Desenvolver a Qualidade em Parcerias (DQP) – um referencial com potencialidades múltiplas. *Cadernos de Educação de Infância*, 95, 14-19.
- Gaspar, M. F. (2010). Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo: a voz de Vigotsky. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 8-10.
- Guerreiro, A., & Sousa, M. (2004). Projeto “Entre Mães”. *Cadernos de Educação de Infância*, 69, 21-46.
- Hill, N., & Taylor, L. (2004). Parental school involvement and children's academic achievement. *Current Directions in Psychology*, 4, 161-164.
- Instituto da Segurança Social. (2005). *Modelos de avaliação da qualidade*. Creche.
- Katz, L. (1998). Cinco perspectivas sobre qualidade. In Ministério da Educação (Ed.), *Qualidade e projecto na educação pré-escolar* (pp. 15-40). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Kishimoto, T. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 4-7.
- Laevers, F. (1994). *The leuven involvement scale for young children LIS-YC*. Belgium: Centre for Experiential Education.
- Laevers, F. (2005). *Deep.level-learning and the experiential approach in early childhood and primary education*. Katholiek Universiteit Leuven, Research Center for Early Childhood and Primary Education. Acedido em 14 de março, 2014, de http://cego.inform.be/InformCMS/custom/downloads/BO_D&P_Deep-levelLearning.pdf.
- Mascarenhas, M. P.; Pinto, A., & Bairrão, J. (2004). O registo do envolvimento de grupo. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves & V. Ramalho (Coord.), *X Conferência Internacional – Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 208-215). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Marques, A. (2010) “Jogo de luta ou luta a sério?” Como distinguir para decidir? *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 24-30.
- Matos, T.; Silva, A.; Neves, D.; Martins, I.; Tavares, L.; Matos, M., & Banza, R. (2010). Direito à educação desde o nascimento. *Cadernos de Educação de Infância*, 91, 42-45.
- McWilliam, R. A., Trivette, C. M., & Dunst, C. J. (1985). Behavior engagement as a measure of the efficacy of early intervention. *Analysis and Intervention in Developmental Disabilities*, 3, 50-71.
- McWilliam, R.A., & Bailey, D. B. (1992). Promoting engagement and mastery. In D. B. Bailey & M. Wolery (Eds.), *Teaching infants and preschoolers with disabilities* (pp. 230-255). New York: McMillan Publishing C.

- McWilliam, R. A., & Bailey, D. B. (1995). Effects of classroom social structure and disability on engagement. *Topics in Early Childhood Special Education, 15*(2), 123-147.
- McWilliam, R. A., Trivette, C. M., & Dunst, C. J. (1985). Behavior engagement as a measure of the efficacy of early intervention. *Analysis and Intervention in Developmental Disabilities, 3*, 50-71.
- McWilliam, R. A., & Scarborough, A. (1997). *Global and observed engagement in young children with and without disabilities*. University of North Carolina at Chapel Hill. Texto não publicado.
- McWilliam, R. A., Scarborough, A., & Kim, H. (2003). Adult interactions and child engagement. *Early Education and Development, 14*, 7-27.
- Ministério da Educação (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- NAEYC (1997). *Developmentally appropriate practice in early childhood programs serving children from birth through 8*. Washington, DC: Author.
- NAEYC (2009). *Developmentally appropriate practice in early childhood programs serving children from birth through 8*. Washington, DC: Author.
- OECD (2008) OCDE Indicators [online]URL:http://www.oecd.org/document/9/0,3343,en_2649_39263238_41266761_1_1_1_1,00.
- Pinto, A. (2006). *O envolvimento da criança em contexto de creche*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Texto não publicado.
- Portugal, G. (1998). Qualidade da Creche e Organização do espaço físico, materiais e equipamentos. *Cadernos de Educação de Infância, 48*, 25-27.
- Portugal, G. (2011). No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. In Conselho Nacional de Educação (Ed.), *Educação da criança dos 0 aos 3 anos* (pp. 45-57). Lisboa: CNE.
- Raspa, M. J., McWilliam, R. A., & Ridley, S.M. (2001). Child care quality and children's engagement. *Early Education and Development, 12*, 209-224.
- Rolim, A., Guerra, S., & Tassigny, M. (2008). Uma leitura de Vigotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades, 23*(2), 176-180.
- Santos, L. (1999). "Os tempos lúdicos". *Cadernos de Educação de Infância, 49*, 13-15.
- Shonkoff, J., & Phillips, D. (2000). *From neurons to neighborhoods. The Science of Early Childhood Development*. Washington, D.C.: National Academy Press.
- Vasconcelos, T. (coord.) (2012). *Trabalhos por projeto na educação de infância. Mapear aprendizagens. Integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Vaz da Silva, F. (2009). *Contributos para a compreensão do desenvolvimento sócio-cognitivo de crianças surdas*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia do Desenvolvimento e Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Texto não publicado.
- Vigotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes.